

ARTIGO 1

TEMA: SURDOCEGUEIRA

Aspectos gerais e possibilidades educacionais na surdocegueira¹

General and educacional possibilities in deafblindness

Marcia Noronha de Mello²

Elisangela Bernardo³

RESUMO

O presente artigo se propõe uma breve reflexão sobre a importância da escolaridade na vida da pessoa com surdocegueira, pontuando alguns aspectos relacionados com as possibilidades educacionais de tais indivíduos. É resultado da apresentação realizada no I Simpósio de Práticas Educacionais do Instituto Benjamin Constant, no ano 2010, cujo objetivo era revelar as práticas educacionais desenvolvidas pelos diversos departamentos que funcionam na instituição. Alguns autores, como Piaget, Reyes, Montessori, e depoimentos de Helen Keller foram escolhidos para ilustrar e embasar nosso pensamento.

Palavras-chave: Surdocegueira. Educação especial. Reabilitação.

ABSTRACT

The present article intends to present a brief reflection about the importance of schooling in the life of a deafblind person, highlighting some aspects related to educational possibilities of these individuals. This presentation was submitted to the Symposium of Educational Practices I at the Instituto Benjamin Constant in the year of 2010. The objective of the Symposium was to show the educational practices developed by the various departments that work in the Institution. Some authors, such as Piaget, Reys, Montessori and Helen Keller's testimonials were chosen to illustrate and support our thinking.

Keywords: Deafblindness. Special education. Rehabilitation.

A escola

Papel importante, sem dúvida alguma, desempenha a escola na formação de todo e qualquer cidadão, sobretudo se portador de necessidade especial. É nela que efetivamente o indivíduo passa a interagir socialmente, conhecendo, nos primórdios de sua formação, um grupo de pessoas diferente daquele com que habitualmente convive, a sua família. (BOLONHINI JR., 2004, p. 25)

A escola não representa apenas o acesso do indivíduo a um conhecimento formal que lhe possibilite, no futuro, o pleno exercício da cidadania. Ela é também um meio mediado de interação social mais amplo, que lhe permite sair de seu núcleo inicial (a família), interagir com pessoas diferentes, ter acesso a práticas educacionais que vão proporcionar-lhe a descoberta e o desenvolvimento de suas aptidões. De acordo com Piaget (1980), em seu livro *Para onde vai a educação?*, a educação é um direito e a escola é o meio social de atingir os melhores processos de formação. Diz ele:

[...] do nascimento até o fim da adolescência a educação é uma só, e constitui um dos dois fatores fundamentais necessários à formação intelectual e moral, de tal forma que a escola fica com boa parte da responsabilidade no que diz respeito ao sucesso final ou ao fracasso do indivíduo, na realização de suas próprias possibilidades e em sua adaptação à vida social. (p. 35)

Afirmar o direito da pessoa humana à educação é pois assumir uma responsabilidade muito mais pesada que a de assegurar a cada um a possibilidade da leitura, da escrita e do cálculo: significa, a rigor, garantir para toda criança o pleno desenvolvimento de suas funções mentais e a aquisição dos conhecimentos, bem como dos valores morais que correspondam ao exercício dessas funções, até a adaptação à vida social atual. (p. 34)

Para trazermos a presente reflexão para o eixo temático da surdocegueira, faz-se necessário compreendermos sua especificidade e, a partir da caracterização e da classificação dessa população, pensarmos programas educacionais eficazes para ela.

A população com surdocegueira se caracteriza, antes de tudo, por sua grande heterogeneidade, que pode ser constatada pelas inúmeras formas de classificação desse grupo. Destacamos três que são as mais utilizadas no dia a dia do atendimento da pessoa com surdocegueira.

A primeira delas se refere ao *momento da perda*. Nesse caso, falamos de surdocegueira congênita e adquirida. Outra forma de se classificar leva em conta o *tipo de perda*. Nesse caso, podemos relacionar: surdocego total, surdez profunda associada a baixa visão, surdez moderada associada a baixa visão, surdez moderada associada a cegueira, pessoas com vários comprometimentos parciais. E, finalmente, a que nos diz respeito mais diretamente como educadores, a classificação de acordo com o *nível funcional* do indivíduo surdocego, a saber:

- Baixo nível de funcionamento: perdas severas; comunicação limitada a aspectos básicos. Não conseguem interagir com o ambiente sem a ajuda de um mediador.
- Nível médio de funcionamento: capazes de se interessar e interagir com o ambiente. Têm resíduos visuais e auditivos, embora seja difícil determinar o grau. São capazes de levar uma vida semi-independente.
- Alto nível de funcionamento: não têm nenhum comprometimento cognitivo. São capazes de levar uma vida e de aprendizagem normais com as ajudas necessárias (GRUPO BRASIL, 2005; GOMES, 2007; REYES, 2004).

Daniel Alvarez Reyes (2004), em seu artigo “La surdoceguera: una discapacidad singular”, analisa a singularidade da surdocegueira com a autoridade de quem está nessa condição. Ele destaca a diferença entre o *deficit* sensorial desde a infância e o *deficit* adquirido na vida adulta no que diz respeito à conexão com o mundo exterior: “*Con los niños sordociegos se trata de construir el mundo desde el principio, mientras que con los adultos consiste en reconstruilo de nuevo*” (REYES, 2004, p. 1).⁴

A surdocegueira não é uma deficiência fácil de ser determinada, uma vez que estabelecer uma combinação numérica, quantitativa, entre graus de perda auditiva e visual e funcionalidade é praticamente impossível. Serão os fatores individuais, a capacidade de adaptação à nova condição, as oportunidades de acesso a programas de reabilitação que darão a tais indivíduos uma melhor ou pior qualidade de comunicação e, conseqüentemente, uma melhor interação com seus familiares, amigos, relações sociais e de trabalho. Verificamos, assim, que esses indivíduos, em nível educacional, não se enquadram em programas educacionais especiais para deficientes auditivos e deficientes visuais, o que os caracteriza como um grupo de identidade própria. Suas necessidades de atendimento são muito peculiares e exigem pessoal especializado na área, e não somente em

técnicas de orientação e mobilidade, como também no domínio de várias modalidades alternativas de comunicação.

Sabemos que o desenvolvimento humano se inicia a partir dos estímulos sensoriais. Tomamos conhecimento da realidade tendo por base esses estímulos, que se completam pelas inter-relações sociais e culturais. No caso da criança que nasce com surdocegueira, a intermediação com o ambiente se torna um fator determinante desse desenvolvimento para que ela possa adquirir linguagem, por meio de vivências significativas e parceiros de comunicação altamente qualificados, possibilitando participação ativa em seu ambiente.

Se adquirida na idade adulta, o aspecto mais relevante seria o do impacto emocional e psicológico, que é imenso, uma vez que tais indivíduos têm a consciência da perda e carregam uma bagagem de conhecimentos e experiências visuais ou auditivas que devem ser levadas em conta quando da escolha da forma de comunicação alternativa a ser adotada para a inclusão social dessa pessoa, em sua nova condição sensorial. Para essas pessoas, praticamente só resta o olfato, para a percepção de distâncias, e o tato, por meio das sensações percebidas pela ponta dos dedos e pelos pés.

Reyes declara: *“No poder tener un conocimiento inmediato de lo que ocurre y no entender lo que se está diciendo produce un cambio radical en todas las dimensiones de la persona: física, psicológica, social y cultural”* (REYES, 2004, p. 20).⁵



Figura 1. Helen Keller em viagem ao Oriente Médio (1952).

Fonte: AMERICAN FOUNDATION FOR THE BLIND. *Helen tours the Middle East: Egypt*. Nova York: American Foundation for the Blind, c2013.

Disponível em: <<http://www.afb.org/blog.aspx?BlogEntryID=242>>. Acesso em: 19 fev. 2013.

Na surdocegueira, será o uso dos sentidos remanescentes que permitirá à pessoa portadora descobrir inúmeras possibilidades de autonomia, identificação de objetos e seres, e até mesmo mobilidade. Assim, o tato, o olfato e o paladar passam a ser os canais de informação e de aquisição de conceitos.

O tato, para essas pessoas, se transforma em um dos principais canais de conexão com o ambiente em seu entorno, assim como o único meio de receber informações e comunicar-se. Isso vai demandar o estabelecimento de estratégias e técnicas específicas não só para educar como para reabilitar pessoas que tenham adquirido a surdocegueira na vida adulta.

Às vezes, cogito se a mão não é mais sensível às belezas da escultura do que o olho [...]. Seja como for, sei que posso sentir o latejar do coração dos antigos gregos em seus deuses e deusas de mármore. (KELLER, 2008, p. 121)

Ann Sullivan (KELLER, 2008), em seus relatórios sobre a educação de Helen Keller, nos deixa um registro interessante sobre as habilidades táteis dela.



Figura 2. Helen Keller e Dwight Eisenhower na Casa Branca (1953).

Fonte: UPI.com. Topic Helen Keller. United States: United Press International, c2013.

Disponível em:

<http://cdn.ph.upi.com/topic_photo/Helen_Keller/79add8112f2129054dab56e7320b1ef0/>. Acesso em: 19 fev. 2013.

Ela é capaz não apenas de distinguir com grande exatidão as diferentes ondulações do ar e as vibrações do chão feitas por vários sons e movimentos, reconhecer amigos e conhecidos no instante em que toca suas mãos ou roupas, como também percebe os estados de ânimo daqueles em torno dela. (KELLER, 2008, p. 121)

O olfato e o paladar têm também um papel fundamental no desenvolvimento de habilidades, e mesmo de operações mentais. Segundo REYES (2004), o sentido olfativo estimula a memória e está intimamente ligado à vida afetiva do indivíduo, uma vez que o primeiro reconhecimento que ele faz é o da mãe, por meio do cheiro.

El olfato es el primero que se manifiesta al nacer y el ultimo que nos acompaña al fallecer. [...] El olfato condiciona a las personas desde que nacen en su percepción del exterior, en su alimentación, en su relación con los demás, estimula la memoria y complementa con eficacia la educación en otras materias. (REYES, 2004, p. 27-28)⁶

O paladar também é um sentido que se desenvolve precocemente, embora sofra a influência da cultura e do contexto social. Sobre o paladar podemos dizer que é um sentido que se desenvolve ainda na vida uterina, quando o bebê engole o líquido amniótico no ventre da mãe. O paladar tem um papel muito importante na educação de crianças surdocegas em particular, uma vez que é por meio dele que, além dos conceitos de doce, amargo, salgado, azedo, podemos também discernir texturas, temperaturas etc. Diz-nos Reyes sobre o paladar:

Su influencia en la educación es muy importante desde el momento en que ayuda a adaptarse al medio. La función hace el órgano, y no al revés. Gustar és experimentar emociones, otra forma de comunicación, ayuda a saber elegir, discernir, seleccionar. Estimula la curiosidad y desarrolla la sensibilidad. (REYES, 2004, p. 28)⁷

E complementa: “*Desarrollar el gusto es una tarea importante para padres y educadores; no se impone, se transmite*” (REYES, 2004, p. 28).⁸

Assim, é por meio do estímulo dos sentidos remanescentes que damos a esses indivíduos formas alternativas de comunicação, orientação e acesso à informação com a utilização de recursos tecnológicos que vêm sendo desenvolvidos, com destaque para a chamada Linha Braille, já disponível em nossa instituição.

Antes das considerações finais, gostaria de destacar outro aspecto difícil da surdocegueira, que é a perda da identidade, fator que também irá se refletir em suas possibilidades educacionais.

Estar vinculado e ser reconhecido como membro de um grupo social faz parte da natureza social do homem. Identidade é, hoje, tema de vários debates filosóficos e sociológicos, tendo seu entendimento ampliado a novos conceitos, alguns mais frágeis, que caracterizam a sociedade pós-moderna. A velocidade que caracteriza nossa época amplia de forma dolorosa a distância entre o indivíduo com surdocegueira e a sociedade maior na qual ele se encontra inserido.

De maneira geral, a pessoa com surdocegueira adquirida é oriunda de algum outro grupo: ou de cegos, ou de surdos, ou de pessoas que não apresentavam nenhuma deficiência. Quando ocorre a segunda perda sensorial, ou quando a pessoa com surdocegueira sofre as perdas sensoriais de forma súbita e concomitante, ela se vê como a única a sofrer tal deficiência. A depressão e o sentimento de não conseguir realizar mais nada na vida deixam-na sem perspectivas futuras. A falta de clubes e as poucas associações específicas existentes para esse grupo levam-no a ficar disperso e mesmo desconhecido, uma vez que não se têm dados estatísticos confiáveis de tais indivíduos. A superproteção dos familiares é outro fator que contribui para esse isolamento. Ao tentar protegê-los, eles os mantêm à margem da sociedade, o que vai resultar em severas implicações psicológicas. Segundo Bauman (2005, p. 74), a essência da identidade é a resposta à pergunta “Quem sou eu?”. A consciência do eu, por sua vez, se realiza por meio de vínculos que conectam o eu a outras pessoas, e à medida que tais vínculos são fidedignos e estáveis é que se tornam referências para o indivíduo. O autor nos diz ainda: “Precisamos de relacionamentos, e de relacionamentos em que possamos servir para alguma coisa, relacionamentos aos quais possamos referir-nos no intuito de definirmos a nós mesmos” (BAUMAN, 2005, p. 75).

Considerações finais

A surdocegueira, em seus aspectos gerais, é uma condição única com *deficit* sensorial. Dispersa em atendimentos diversos, muitas vezes pode estar escondida no fundo de quintal pelas famílias, ou então em locais de abrigo, como casas de retiro de idosos, associações e serviços para pessoas com deficiência intelectual ou até mesmo deficiência múltipla, com doenças mentais, não chegando até as instituições e associações que se

propõem atendê-los. Em artigo de 5 de setembro de 2010, o jornal *O Estado de São Paulo* apresentou uma estimativa dessa população. De acordo com levantamento feito pela Associação Brasileira de Surdocegos (Abrasc), em torno de 2.750 brasileiros apresentam um quadro de surdocegueira, com a ressalva de que esse número corresponde a pessoas que de algum modo tiveram acesso à educação e por isso constam das estatísticas.

Faz-se necessário, em minha opinião, trazer esse grupo para uma linha de pesquisa da neurociência, uma vez que esses indivíduos são capazes de respostas funcionais, mesmo nas condições pré-linguísticas, que surpreendem a cada dia o professor atento, causando-lhe muitas vezes certa perplexidade diante da capacidade da inteligência humana de buscar um meio de se expressar.

Em relação ao desenvolvimento educacional do indivíduo com surdocegueira adquirida, é necessária uma abordagem multidisciplinar. Quanto à escolaridade, hoje observamos que a maioria possui o Ensino Fundamental, uma vez que originalmente foram educados em escolas para cegos ou para surdos. No Ensino Médio, surgem as primeiras grandes dificuldades, pela falta de recursos tanto humanos quanto tecnológicos por parte das instituições de ensino. Embora, por meio dos centros supletivos, eles possam ser assistidos em regime semipresencial com a ajuda de guias-intérpretes, na prática, porém, não corresponde a uma real capacitação dessas pessoas, uma vez que o limitado vocabulário de que dispõem, assim como a dificuldade na compreensão de abstrações e metáforas, exige dos professores muita criatividade e muita habilidade por parte dos guias-intérpretes na transmissão dos conteúdos de forma clara e verdadeiramente assimilada.

Para encerrar com uma mensagem de reflexão, escolhi textos de Montessori (s.d.) e Helen Keller (2008), cujas palavras são o melhor exemplo do que deve nortear o profissional e o educador na surdocegueira. Ensinam-nos elas:

A senda da educação deve acompanhar a da evolução: andar e olhar sempre mais além. [...] A vida deve ser uma coisa só, especialmente nos primeiros anos, quando a criança tem que se construir a si mesma segundo o plano e as leis do seu desenvolvimento. (MONTESSORI, [s.d.], p. 139)

[...] aprendi da própria vida. No início eu era apenas uma pequena massa de possibilidades. Foi minha professora quem as desdobrou e desenvolveu. Quando ela veio, tudo em torno de mim passou a exalar amor e alegria e se tornou cheio de significado. Desde então ela nunca deixou passar uma oportunidade de ressaltar a beleza que há em tudo, nem cessou de tentar em pensamentos, ações e exemplos tornar minha vida doce e útil. Foi o gênio de minha professora, sua rápida solidariedade, seu amoroso tato que tornaram tão bonitos os primeiros anos de minha instrução. (KELLER, 2008, p. 37)

NOTAS DE RODAPÉ

¹ Palestra proferida no I Simpósio de Práticas Educacionais (Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2010).

² Professora do Instituto Benjamin Constant, área de Surdocegueira, pós-graduada em Saúde Mental da Infância e da Adolescência pela Santa Casa de Misericórdia (Cesanta), mestranda em Educação pela Universidade Estácio de Sá (Unesa).

³ Professora-adjunta do Programa de Pós-graduação em Educação e da graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

⁴ “Com as crianças com surdocegueira, trata-se de construir o mundo desde o princípio; entretanto, com os adultos, consiste em reconstruí-lo de novo” (tradução nossa).

⁵ “Não poder ter um conhecimento imediato do que está acontecendo e não entender o que se está dizendo produz uma mudança radical em todas as dimensões da pessoa: física, psicológica, social e cultural” (tradução nossa).

⁶ “O olfato é o primeiro que se manifesta ao nascer e o último a nos acompanhar ao falecer. [...] O olfato condiciona as pessoas desde que nascem em sua percepção exterior, em sua alimentação, em sua relação com os demais, estimula a memória e complementa com eficácia a educação em outras matérias” (tradução nossa).

⁷ “Sua influência na educação é muito importante desde o momento em que ajuda a adaptar-se ao meio. A função faz o órgão, e não o contrário. Degustar é experimentar emoções, outra forma de comunicação; ajuda a

saber escolher, discernir, selecionar. Estimula a curiosidade e desenvolve a sensibilidade” (tradução nossa).

8 “Desenvolver o paladar é uma tarefa importante para pais e educadores; não se impõe, se transmite” (tradução nossa).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**. Entrevistador: Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOLONHINI JR., Roberto. **Portadores de necessidades especiais**: as principais prerrogativas dos portadores de necessidades especiais e a legislação brasileira. São Paulo: Arx, 2004.

GOMES, M. R. A educação do surdocego e do deficiente múltiplo no Ines. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL; XII SEMINÁRIO NACIONAL DO INES. **Anais...** 2007. p. 86-93.

_____. **Educação de surdocegos e dos deficientes múltiplos**: principais aspectos. Apostila do curso de Educação de crianças e jovens surdocegos e aqueles com deficiência múltipla. Niterói: Apada, 2006.

GONÇALVES, A. Para superar a escuridão e o silêncio. **O Estado de São Paulo**, Caderno Vida, domingo, p. A24, 5 set. 2010.

GRUPO BRASIL. **Surdocego pós-linguístico**. São Paulo, 2005. Série Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial.

_____. **Surdocego pré-linguístico**. São Paulo, 2005. Série Surdocegueira e Deficiência Múltipla Sensorial.

KELLER, Helen. **A história da minha vida**. Tradução de Myriam Campello. Ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MELLO, Márcia N. O desenvolvimento escolar e a saúde mental do indivíduo surdocego pós-linguístico. In: _____. **Relato de uma experiência**. Monografia (Especialização). Centro de Pós-graduação da Santa Casa de Misericórdia – Cesanta, Rio de Janeiro, 2009.

MONTESSORI, Maria. **Mente absorvente**. 2. ed. Tradução de Pedro da Silveira. Rio de Janeiro: Portugalia Editora, [s.d.].

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?**. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed., 1980.

REYES, Daniel. La sordoceguera: una discapacidad singular. In: **La sordoceguera**: una análisis multidisciplinar. 1. ed. Madri, 2004. Disponível

em: <<http://www.once.es/otros/sordoceguera/capitulo03htm>>. Acesso em: 2 mar. 2006.

VIÑAS, Pilar G. La educacion de las personas sordocegas: diferencias y processo de mediación. In: **La sordoceguera**: una análisis multidisciplinar. 1. ed. Madri, 2004. Disponível em:

<<http://www.once.es/otros/sordoceguera/HTML/capitulo06.htm>>. Acesso em: 2 mar. 2006